

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT08.021

# NOSTALGIA PARATÓPICA EM CRÔNICAS ANACRÔNICAS: A SAUDADE DO FUTEBOL DE OUTRORA

Wesley Barbosa Machado<sup>1</sup>  
Sérgio Arruda de Moura<sup>2</sup>

## RESUMO

O cronista de futebol transita do jornalismo à literatura com o lançamento em livros de antologias de textos publicados a princípio na imprensa, tornando-se eventualmente um autor de “belo estilo” (Barthes, 2004), que escreve com “literariedade” (Proença, 1981) e “subjetividade” (Borges, 2013), características do jornalismo literário. Neste estudo teórico e empírico vamos apresentar um relato de experiência de análise de discursos e produção de sentidos em crônicas futebolísticas. A metodologia principal será consubstanciada na Análise do Discurso (AD) Francesa a partir do “campo literário” (Maingueneau, 2005), com revisões bibliográficas e hemerográficas. Também utilizamos como procedimentos metodológicos a pesquisa empírica para coleta de dados, a partir de quatro entrevistas realizadas entre os meses de abril e agosto de 2024, sendo duas abertas e duas semiestruturadas. Por fim, foi aplicada em outubro de 2024 em sala de aula uma sequência didática caracterizada como pesquisa encoberta com 16 participantes não identificados entre estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense-IFFluminense *Campus* Campos Centro. Alguns dos resultados obtidos foram a comprovação por meio de teoria (Neto, 2010) e empirismo, com as entrevistas e a sequência didática de linguagem e letramento, de que o amor pelo futebol vem dos jogos de bola na infância, que permanecem na memória afe-

1 Mestrando do curso de Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, 202314120022@pq.uenf.br

2 Doutor pelo curso de Letras (Ciência da Literatura) da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, arruda@uenf.br

tiva dos cronistas e apreciadores de futebol em uma “nostalgia paratópica” (Moura, 2006).

**Palavras-chave:** Crônica, Futebol, Discursos, Paratopia, Nostalgia.

## INTRODUÇÃO

Um cronista de futebol publica seus textos na imprensa e, à medida que os compila em livros, se torna um autor com sua paratopia, um não lugar criado em suas histórias com “verosimilhança” e “literariedade”, termos utilizados pelo escritor brasileiro Ivan Cavalcanti Proença (1981, p. 28-29), o que para o semiólogo francês, Roland Barthes (2004, p.8), seria um “belo estilo” de escritor.

O analista do discurso francês, Dominique Maingueneau (2006, p. 68), escreveu sobre “a justa apreensão do belo”, que estaria para nós na volta nostálgica à infância vivida e que ficou na memória registrada nos livros de crônicas de futebol dos saudosos da bola brincada nos paralelepípedos, terras, gramas, lamas com bolas de meia, saco plástico, coquinho, entre outras formas esféricas que rolavam para lá e para cá entre linhas tortas.

O analista do discurso, brasileiro Sérgio Arruda de Moura (2006, p.18) versou sobre a presença dos “espaços paratópicos da infância” criados pelos poetas em suas nostalgia e melancolia.

[..] Quando um poeta se põe a escrever sobre a cidade e sua gente, em especial nas condições em que Bandeira poeta escreveu, me parece natural que uma certa melancolia se aposses dele, e os espaços paratópicos da infância se façam sempre presentes. Um poeta há sempre de deplorar a perda nostálgica da mãe e do pai, das origens e dos fantasmas da criança despontando para o mundo. Os demais personagens de sua criação só poderão despontar do espaço mais imediato da vida, o da cidade, lugar de intenso trânsito social, incluindo o trânsito dos textos, em especial o das crônicas, lugar para onde os personagens em perfil são devolvidos com a sobrevida proporcionada pela memória dos livros.

Adicione ao texto com linguagem anacrônica e poética a personalidade e a subjetividade e este poderá ser considerado uma forma de jornalismo literário (Borges, 2013), com suas palavras escolhidas a dedo, representando signos e sentidos em seus enunciados dentro de determinados contextos de produção e conhecimentos de mundo.

## METODOLOGIA

Este trabalho<sup>3</sup> teve, em um primeiro momento, a análise de discursos e produção de sentidos a partir de um recorte bibliográfico e hemerográfico de 10 cronistas de futebol, que tiveram seus textos saudosistas analisados, a citar: Armando Nogueira, Manoel de Barros, Péris Ribeiro, Ruy Castro, Luiz Cândido Tinoco, José Cunha, Roberto Avallone, Cláudio Lovato Filho, Paulo Roberto Andel e Douglas Ceconello.

Também utilizamos como procedimentos metodológicos a pesquisa empírica, a partir da realização de quatro entrevistas, duas no local e duas por e-mail, sendo três cronistas de futebol e uma pesquisadora de futebol, e a aplicação de uma sequência didática de linguagem e letramento em uma sala de aula da disciplina Futebol e Futsal ministrada pela professora Cláudia Aleixo Alves na turma do curso de Licenciatura em Educação Física do IFFluminense *Campus* Campos Centro. A partir da leitura de uma crônica futebolística, 16 de 22 estudantes responderam, facultativamente, a uma questão sobre suas lembranças do contato do corpo com a bola na infância, um tema muito caro para nosso estudo, o que veremos mais adiante.

### A POÉTICA DA NOSTALGIA

Começamos com as análises dos discursos de 13 cronistas de futebol com metodologia de pesquisa bibliográfica e hemerográfica. Para tanto vamos nos subsidiar com a teoria da AD Francesa a partir do conceito de Maingueneau sobre os contextos (político, social, ideológico, econômico, cultural etc) de produção do autor, a quem são atribuídos aos seus textos sentidos os quais os próprios autores poderiam não prever no momento da escrita.

[...] Ah, saudades [...] Daqueles tempos de Maracanã superlotados. Jogadas de arrepiar, gols de levantar multidões. E, o melhor: de um Brasil bicampeão! A glória, conquistada aos pés dos Andes. Ah, saudades dos tempos de Didi (Ribeiro, 2009, p.244-245)

No trecho da crônica acima, o autor Péris Ribeiro, de Campos dos Goytacazes-RJ, remete ao passado com saudade do futebol de antigamente.

<sup>3</sup> Resultado da pesquisa para o mestrado em Cognição e Linguagem da UENF.

Detalhe que o cronista cita Didi, jogador de futebol biografado por ele. Em entrevista realizada com PÉris Ribeiro no dia 26 de julho de 2024, ele informa que assistiu pelo rádio às partidas das Copas de 1954, 1958 e 1962, competições estas em que o personagem da biografia e desta crônica em específico escrita pelo autor.

A audição de um jogo de futebol pelo rádio permite ao torcedor e posterior cronista se utilizar da imaginação na composição de seus textos, tal qual fazia o mestre Nelson Rodrigues, que tinha baixa visão e não enxergava os lances de uma partida em sua totalidade, o que lhe incentivava a criar em cima da realidade, um recurso literário à medida que a ficção se serve do real para com verossimilhança criar um novo universo, que podemos considerar paratópico, pertencente ao domínio de criação do autor.

Se Nelson Rodrigues, prejudicado pelo problema de visão, se valia da imaginação, PÉris Ribeiro, ouvindo o jogo pelo rádio, também tinha de imaginar as jogadas que não via, só ouvia. No entanto que mais influenciou PÉris Ribeiro (2009, p. 1) foi Armando Nogueira, conforme o próprio relatou em entrevista para esta pesquisa. PÉris se identificou com a poesia presente nas crônicas de Armando Nogueira. Como na crônica a seguir:

[...] A grossa lágrima não rola apenas por aquele rosto suado e cansado. Não! Mergulha docemente pelo peito coberto por aquela camisa azul empapada de suor. E acaba por invadir-lhe a alma também. Abraçado ao amigo Nilton Santos de tantos sonhos, tantas lutas, Didi sequer tenta enxugá-la. Ao contrário, faz questão de exibi-la orgulhosamente.

Nesta bela crônica, PÉris recorre à linguagem poética quando escreve sobre o encontro da lágrima com o suor que chega à alma. Um retrato estético cheio de lirismo que trata de sonho, luta e orgulho, um ciclo completo que mostra a conquista de jogador de futebol que foi o principal responsável pela conquista do primeiro título mundial da seleção brasileira. Armando Nogueira, o cronista que inspirou PÉris Ribeiro nas escritas poéticas, também versou sobre Didi de uma forma lírica: “Nas chuteiras da final chuvosa, que Didi guardou para sempre, nasceu-lhe na sola enlameada uma palma de grama, homenagem do campo a um artista de pés tão delicados” (Nogueira, 1988, p. 29). Repare na cena descrita, que vai da intensidade da chuva, da lama, da grama à delicadeza sugestionada do pé do jogador.

O escritor Thiago de Mello(1988, p. 6), em prefácio à obra *O homem e a bola*, de Armando Nogueira, destaca os atributos literários deste poeta da crônica de futebol:

[...] O grande poder do Armando é o poético. A presença constante desse elemento comovedor, o poético, ela não se deve tão-só ao talento de trabalhar as palavras, enquanto matéria de criação. O ritmo e a musicalidade são valores que contribuem para a força de encantamento que percorre a prosa do Armando.

Em entrevista a Thiago de Mello e Theresa Walcacer em outubro de 1985, também publicada no livro *O homem e a bola*, Armando Nogueira (1988, p. 12) responde sobre sua afeição às palavras e à poesia.

[...] Através da palavra falada de Juvenal Antunes, um jogral de seus próprios versos, que conheci no começo da minha adolescência, e da palavra escrita de Augusto dos Anjos, de quem eu já recitava poemas inteiros de memória antes dos meus quinze anos [...] Vem daquele tempo esse meu gosto pelas palavras e o fato de ter um bom ouvido para a música (embora eu não conheça uma só nota musical) deve me ajudar a descobrir o encanto de uma palavra.

Vamos a Ponte Nova, interior de Minas Gerais, de onde é natural o cronista José Cunha (1996, p. 9-10), que escreveu a saudosa crônica “Coisas de Minas”:

[...] Em 62, pegava fogo o campeonato mineiro de futebol. Era mesmo um dos melhores do Brasil. Atlético, Cruzeiro, Vila Nova, Renascença, América, Democrata de Sete Lagoas, Pedro Leopoldo e o Metalusina de Barão de Cocais disputavam o certame mineiro, derramando empolgação e apaixonando suas torcidas de maneira acentuada e viril. Naquele tempo, o rádio dominava e guiava a grande massa nas transmissões esportivas, que já eram acompanhadas pelo transistor, o principal salvador do rádio, que já sentia a influência maléfica da televisão [...] Naquele tempo, a gente não era tão-somente profissionais. Dirigentes não eram somente dirigentes. Pelo contrário. Nos anos 60, nós conseguimos quase que o impossível: formar uma família mesclada de dirigentes, jornalistas, narradores, repórteres e funcionários da Federação e dos Clubes, onde éramos todos irmãos. [...] Estas coisas de Minas nem o tempo poderá apagar de minhas lembranças mineiras.

Repare que o cronista repete a expressão “Naquele tempo”. O autor destaca o rádio e condena a televisão. Um adendo para uma consideração crítica de que, por mais que as lembranças das transmissões pelo rádio remetam a uma

mágica, devemos levar em conta que as transmissões com imagens permitiram uma democratização do acesso a um jogo de futebol.

Podemos também debater a questão da assistência a um jogo de futebol *in loco* do estádio, que permite uma visão de 360 graus do que acontece na partida e onde, para o cronista Pêris Ribeiro, está mais visível o futebol.

Partimos então para a crônica “O garoto atrás do gol”, de outro grande mestre, Ruy Castro (2014, p. 63-64), que escrevendo sobre as efemérides de 2008, lembrou os 50 anos de sua primeira ida ao Maracanã.

[...] Foi no dia 9 de novembro de 1958. E daí - dirá você, com razão. Todo mundo que gosta de futebol foi ao estádio uma primeira vez, e nem por isso essa façanha merece ir para os calendários esportivos. Mas esta merece ir para o meu calendário afetivo - nem que seja pelo que se passou muitos anos depois. Era um Flamengo x Botafogo, pelo retorno do Campeonato Carioca. Eu tinha 10 anos e fui com meu pai, flamengo como eu. Saímos cedo, mas o táxi engarrafou perto do Maracanã. O jeito foi apeiar e seguir as bandeiras. Lá dentro, no lado da torcida do Flamengo, só havia lugar atrás do gol - justamente o gol que o Botafogo atacaria no primeiro tempo.

Em seguida, o escritor conta a história do jogo, no qual o Botafogo fez 3 a 0 no primeiro tempo e o Flamengo diminuiu para 2 x 3 no segundo tempo. Ruy Castro (2014, p. 65-66) viu de trás do gol todos os 5 gols do jogo, 3 do Botafogo de Garrincha e 2 do seu Flamengo. O autor termina a crônica assim:

[...] Em 1995 - a enormidade de 37 anos depois -, publiquei um livro, *Estrela Solitária*, uma biografia de Garrincha. Muitas vezes, durante o trabalho, as arrancadas de Garrincha contra meu coração me vieram à cabeça. E só então descobri que o garoto, mesmo tendo saído derrotado do Maracanã, não odiou seu algoz nem por um minuto. Era impossível odiar Garrincha. Na verdade, era impossível não amá-lo.

Sobre uma ida ao estádio abordou o escritor Cláudio Lovato Filho na crônica “A caminho do estádio”, publicada no 23 de junho de 2024 no site *Museu da Pelada*<sup>4</sup>:

4 Filho, Cláudio Lovato. A caminho do estádio. **Museu da Pelada**. Rio de Janeiro, 23 jun. 2024. Disponível em: <https://www.museudapelada.com/resenha/a-caminho-do-estadio/>. Acesso em 07 set. 2024.

[...] Você se lembra da primeira vez que foi ao estádio?’, o neto pergunta. O avô sorri. Não ri. Sorri. O sorriso da nostalgia. “Eu me lembro como se fosse hoje”. Diz isso e sente que os olhos ume-deceram. Está emocionado. “Sério? Quando foi?” “Foi com o seu bisavô. Faz muito tempo. Eu tinha mais ou menos a sua idade. Ele era como nós. Largava tudo para ver um jogo do time”. “Eu me lembro pouco dele...”, diz o menino. “Você era muito pequeno quando ele morreu”. E então o velho conta ao neto, o mais detalhadamente que pode, como foi aquela primeira ida ao estádio, mesclando realidade e imaginação, coisa vivida e coisa sonhada. Depois, já subindo a rampa que os levaria a seus lugares no estádio, com o neto caminhando à sua frente, o avô projeta como estará o menino daqui a alguns anos, homem maduro subindo aquela mesma rampa, talvez com o filho, ou filhos, talvez sozinho, quem sabe lembrando dos tempos em que vinha ao estádio em companhia do avô, e em como aquelas idas ao estádio com o avô foram agradáveis, importantes e impossíveis de serem esquecidas.

Na crônica “Dia Nacional do Futebol”, publicada no dia 19 de julho de 2024 no site *Museu da Pelada*<sup>5</sup>, o também escritor Paulo Roberto Andel, escreve sobre um “futebol de lembranças, que faz voltar no tempo”:

[...] Ah, o futebol. Noites em claro, viradas impossíveis, sonhos e drama. Futebol de lembranças, que faz voltar no tempo e ver na tela momentos arrebatadores. Talvez o meu futebol nem exista mais, mas ele é tão bom que a sua simples lembrança já alimenta muitas fantasias maravilhosas. Todas elas me fazem sentir vivo, sereno, com o coração cheio de esperança mesmo que as probabilidades sejam minúsculas. Claro que há defeitos mis no futebol, mas o saldo positivo justifica a batalha.

O jornalista Roberto Avallone (2001, p. 38) traz na crônica Memórias da maior conquista lembranças de ouvir jogos no rádio com o pai e o avô.

[...] Liminha. Liminha, de bola e tudo! Ah, como soavam mágicas as palavras do locutor narrando o gol. Na imaginação, a jogada parecia sair do velho rádio, lustrado com carinho pelas mãos de minha avó Olympia, avó materna, do meu lado português. Era a tarde de um domingo de sol tímido, dia 22 de julho, na pacata Rua Maria Cândida, na Vila Guilherme, zona norte de São Paulo, onde meu avô Francisco, que torcia pelo Benfica, e meu pai, um ardo-

5 Andel, Paulo Roberto. Dia Nacional do Futebol. **Museu da Pelada**. Rio de Janeiro, 19 jul. 2024. Disponível em: <https://www.museudapelada.com/resenha/dia-nacional-do-futebol/>. Acesso em 27 out. 2024



roso palestrino vencido pelo sono de depois do almoço, deviam estar dormindo. Menino de 6 anos, não me lembro onde estariam - por educação, quem sabe, meu pai poderia estar ouvindo as histórias de Salazar que o velho Francisco contava em minúcias.

Vamos adiante com uma crônica do poeta brasileiro Manoel de Barros (1994)<sup>6</sup>, que escreve o poema com recursos da prosa, o que resulta em um texto com fluidez.

[...] A gente era só gurizada. Do time quem restou tem setenta e duas pedradas. Vinte e poucos barracos de venda de pinga e peixe frito estão no lugar estão no lugar onde a bola rolava. (A bola de bexiga que o Mário-Maria, guenzo e maco — tipo deixa que eu chuto, trazia do matadouro de seu pai.) Dona Emília era dona do Porto, dona do Clube e dona do Estaleiro dos Puccinnis que ficava na beira do barranco. A expressão “passar telegrama no mato” por “descomer no mato”, “jogar o barro fora” ou despejar o mantimento” — não se usa mais. Os meninos que hoje batessem bexiga na beira do rio, por muito apressados, diriam: “vou no mato passar um fax.” Ai que flor de linguagem! Agora não tem mais bexiga nem mato nem Dona Emília, que resolveram morrer. Meu Deus, como este mundo está desfalcado! Revi o Bolivianinho por volta de 1940 na Vila de Chiquitos sua terra natal. Saiu de uma toca de palha e de pedra para me ver. Tornara-se pintor. Atendia por Rômulo Quiroga. Pintava cores psíquicas e formas incorporantes. Usava as simultaneidades da visão — como em Picasso. E quebrara de uma vez os planos e perspectivas. Penso que rudemente aquele Quiroga conseguia uns milagres e Klee. Agora volto a pensar em nosso golquiper, em nosso beque de avanço, em Mário-Maria... Eles são hoje apenas uma paz na terra. Só isso. Salvo não seja.

Continuamos evidenciando a nostalgia paratópica e a linguagem poética em crônicas futebolísticas. Em uma crônica para seu blog *Meia Encarnada*<sup>7</sup> no site *ge*, o jornalista Douglas Ceconello nos remete às memórias afetivas, que são um ponto crucial desta pesquisa que tem como característica este argumento

6 Barros, Manoel. O “porto de dona Emília Futebol Clube” revisitado. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 12 jun. 1994. Mais, p.5

7 Ceconello, Douglas. 30 anos do Tetra: 1994, a Copa e o ano de uma geração. Blog **Meia Encarnada** em **ge**. Porto Alegre, 17 jul. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/meia-encarnada/post/2024/07/17/trinta-anos-do-tetra-1994-a-copa-e-o-ano-de-uma-ge-racao.html>. Acesso em 27 out. 2024.

de que o que fica para os torcedores e futuros cronistas de futebol é o tempo vivido nas arquibancadas de madeira e, posteriormente, à beira do campo de jogo. No excerto abaixo, o cronista nos leva a um passado longínquo de há três décadas.

[...] Aquele Brasil dos incipientes anos 90 podia não ser mais o país do futebol, ou ao menos o assíduo campeão de Copa, mas era o país de muitas outras coisas. Para os adolescentes, verdadeiro termômetro anímico e hormonal de qualquer cenário, era uma paradoxal mistura de fim da inocência com ameaça de esperança. Se 1994 avançava costurando dores, da perda precoce de Dener à tragédia com Senna e à morte de Tom Jobim, nossas ilusões insistiam em avançar, ainda que aos solavancos, agarradas no puta-merda de um fusca, renascido como fênix metálica no governo de Itamar Franco.

Tempos da precursora do Real, a Unidade Real de Valor (URV), que aumentava a cada dia e era preciso correr para comprar a camisa da seleção com o número 11 de Romário prevendo que este seria o principal jogador que nos levaria ao Tetra nos pênaltis contra a Itália 12 anos depois do “Sarriazzo”. “É tetra, é tetra”, como narrou Galvão Bueno ao lado do comentarista Pelé. Estas passagens no tempo são inesquecíveis, afinal ficam sendo repetidas em nosso cérebro, olhos e ouvidos e fixados na memória afetiva de um aficionado por futebol.

## O ETERNO AMOR AO FUTEBOL

Agora analisaremos os discursos de três cronistas de futebol e uma pesquisadora de futebol com a metodologia de pesquisa qualitativa empírica. Foram realizadas, entre os meses de abril e agosto de 2024, quatro entrevistas para coleta de dados, sendo duas entrevistas abertas, realizadas no local, e duas entrevistas semiestruturadas, realizadas por e-mail. A seguir recortes destas entrevistas.

A primeira entrevista que realizamos foi com o jornalista Saulo Pessanha, que iniciou no jornalismo na editoria de esportes do extinto jornal *A Notícia*, de Campos dos Goytacazes-RJ e foi setorista dos clubes de futebol de Campos no

*Jornal dos Sports*, o “Cor de Rosa”. Pessanha<sup>8</sup> recorda uma entrevista que fez com Didi “Folha Seca”.

[...] Lembro bem de sua fidalguia. Eu tinha 19 anos, poucos meses de atuação no jornal. E fiquei feliz em poder entrevistar um jogador genial, reverenciado no mundo todo. No contato com Didi, me chamou a atenção a sua educação, a sua boa vontade. Era um *gentleman* (informação escrita).

O jornalista ficou pouco mais de um ano na editoria de Esportes de *A Notícia*, depois passou para a redação geral. Pessanha informa ainda que escreveu algumas matérias nos anos 80 para a revista *Placar*, mas que a atuação na área esportiva se deu em maior parte entre 1981 e 1988 no *Jornal dos Sports*, como correspondente em Campos, época em que Americano e Goytacaz participavam da Primeira Divisão do Campeonato Estadual.

[...] Trabalhei no *Jornal dos Sports* de 1981 a 1988, como correspondente. Foi a melhor fase do jornal. Entrei pouco tempo depois de ser adquirido pela Casas da Banha, da família Veloso, muito ligada ao futebol. Um deles presidiu o Fla. Acho que o Luiz Augusto. Na época, o Goytacaz e o Americano disputavam o Campeonato Estadual. E semanalmente um dos grandes estava jogando em Campos. Falo do Fla de Zico, do Vasco de Dinamite. Daí que o jornal achou importante ter um correspondente aqui, que mandasse matérias diárias do dia a dia do Americano e do Goyta e cobrisse os jogos aos fins de semana (informação escrita).

A entrevista com Saulo Pessanha nos remete a um passado de glórias dos craques e clubes de futebol de Campos dos Goytacazes, com destaque para Didi “Folha Seca”, bicampeão mundial com a seleção brasileira e eleito o melhor jogador da Copa de 1958, desbancando o “Rei” Pelé e Garrincha “Alegria do Povo”. O jornalista também faz referências aos dois principais times da cidade, Americano e Goytacaz, que chegaram a disputar concomitantemente as primeiras divisões não só do Campeonato Estadual, bem como do Campeonato Nacional.

A segunda entrevista, semiestruturada, foi com a professora Maria do Carmo Leite de Oliveira<sup>9</sup>, realizada por e-mail com perguntas a princípio fecha-

<sup>8</sup> O jornalista Saulo Pessanha nos concedeu uma entrevista por e-mail entre 12 e 16 de abril de 2024.

<sup>9</sup> A professora Maria do Carmo Leite de Oliveira nos concedeu uma entrevista por e-mail entre 5 e 18 de julho de 2024.

das, porém com a adição de mais perguntas geradas a *posteriori* e a partir de algumas respostas. Sobre sua relação com o futebol, Oliveira explicou que seu tio-avô, Antonio Rodrigues Tavares, foi presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama de 1948 a 1950. A professora é uma das pioneiras no estudo acadêmico de futebol no Brasil, sendo autora do livro *Futebol - fenômeno linguístico*, lançado em 1974, resultado de sua dissertação de mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), defendida e aprovada no ano anterior.

Oliveira disse como surgiu a ideia de pesquisar sobre futebol e o que revelaram suas pesquisas.

[...] Os estudos na área da linguagem, nos anos 70, tinham como foco a teoria gerativista. Na contramão dessa tendência, eu estava mais interessada na questão do sentido. Logo um estudo semântico da linguagem do futebol contribuiria para o entendimento dessa paixão nacional e dos valores da cultura brasileira subjacentes. A análise dos dados explicitou como o machismo, o racismo e a religiosidade de matriz africana e de tradição cristã presentes na cultura brasileira emergem na linguagem do futebol. A alta desigualdade da sociedade brasileira também é espelhada no mundo do futebol, em que jogadores, marcados por um destino de nascer e morrer na mesma classe social, encontram no futebol um meio de ascender socialmente (informação escrita).

Esta última questão da ascensão social por meio do futebol como motivador do interesse pela prática do esporte e de seu sonho como profissão, que foi explicitada pela pesquisadora, virá à tona também na pesquisa empírica com participantes não identificados, que fecha este estudo.

A pesquisadora, em uma segunda resposta a uma pergunta sobre o papel dos cronistas de futebol, cita Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira, que compõe na nossa concepção a tríade dos maiores literatos boleiros do Brasil.

[...] Eu vivi numa época privilegiada em termos de cronistas esportivos. Os grandes jornais veiculavam textos sobre futebol de Nelson Rodrigues, João Saldanha, Armando Nogueira e tantos outros. Liam esses textos não só os apaixonados pelo futebol, mas também os apaixonados pelo modo criativo, artístico como a linguagem era usada. Eram textos preciosos em todos os sentidos (informação escrita).

A terceira entrevista em análise foi com o jornalista e escritor Pêris Ribeiro<sup>10</sup>, um dos precursores na publicação de biografia de jogador de futebol no Brasil, tendo publicado o livro *Didi: o Gênio da Folha Seca* em 1993, quando a literatura esportiva no país ainda era incipiente. Ribeiro foi questionado sobre este pioneirismo e respondeu comentando sobre suas referências.

[...] Isso aí alia as coisas que os grandes tinham publicado. Mario Filho, que é o nosso maior romancista do esporte, fez um livro que é a maior obra esportiva brasileira na minha concepção, que é *O Negro no Futebol Brasileiro*. Eu tinha os livros do personagem que eu reputo como grande cronista brasileiro esportivo, o nosso Machado de Assis da crônica esportiva, o Armando Nogueira, que eu tive a honra de conhecer e aí depois criei uma determinada proximidade com a relação de amizade, não muito assídua. E ele foi um tipo de norte, porque eu queria escrever, então eu pego alguém que mergulha na história, que é o caso de Mario Filho, com outro que tinha um estilo rebuscado, então eu procurei casar as duas coisas e comecei a pensar em escrever algo mais profundo (informação verbal).

Sobre um livro anterior, *O Brasil e as Copas*, também de sua autoria e lançado em 1986, quando pouco se publicava sobre futebol em terras brasileiras, um visionário Ribeiro discorre abaixo.

[...] *O Brasil e as Copas* na realidade, ele surge porque foi um livro de encomenda e é uma coisa engraçada, um livro de uma encomenda, tinha um deputado federal que buscava ter algo para chegar perto do eleitor, num ano de Copa do Mundo, que no caso era o deputado federal Alair Ferreira, ele procurava algo para dar de brinde e chegar a seu povo, e a Copa do Mundo de 86 estava próxima, e aí veio essa ideia de um livro sobre Copas do Mundo e tal, foi a encomenda dele, da equipe dele. Aí eu já mexia com a história, a minha grande paixão sempre foi um mergulho na história, a história universal e tudo mais, principalmente a história do futebol, que já era a minha profissão, quando ele pediu, ficou fácil de fazer, aí era a questão de ter o estilo para escrever, e como eu já tinha aquela influência de Armando e já tinha um estilo próprio, e eu apenas aperfeiçoei e o livro acabou acontecendo mesmo. Era a época de Copa, o livro foi muito distribuído, depois teve uma reimpressão. Ele era da Arena, era um deputado da direita, então isso não tem nada a ver, eu só tenho elogios a fazer, porque sempre fui respeitado, tinha respeito por ele, traba-

10 O escritor Pêris Ribeiro nos concedeu uma entrevista no local em 26 de julho de 2024.

lhei na *TV Norte Fluminense*, que era dele, quanto a visão política, obviamente eu era fundamentalmente contra (informação verbal).

Ribeiro responde também sobre uma questão central desta pesquisa, que é a da memória afetiva da bola na infância e que estará mais para o fim na pesquisa empírica com participantes não identificados. Ribeiro comenta sobre esta questão a seguir.

[...] A gente ia jogar bola na infância. Eu fui aquele garoto peladeiro, como todo mundo era. Hoje eu acho que o garoto está praticando outras coisas. Tem outras distrações. Consegue diversificar mais. Em meu tempo, era muito massificante. E era direto para a pelada. Queria ganhar uma bola presente no aniversário, no Natal. Todo mundo era peladeiro. Agora, eu não daria nada além do que fui, um peladeiro. Falei, eu vou ter um bom senso, eu vou ficar na minha, vou ver meus amigos jogar. Alguns tentaram jogar nos clubes de Campos na época, Americano, Goytacaz. Os outros iam para os clubes menores, como o Municipal, que era um clube de bairro. Então eu olhava os meus amigos, que tentaram a sorte alguma hora, mas eu não me atrevia mais. Ganhei de ficar na pelada. Aí comecei a gostar muito de futebol de salão. Joguei muita pelada de futebol de salão também. Depois eu vi que o meu caminho para gostar de futebol tem que ser outro. Me manter ligado. Eu já escrevia de tempo em tempo. Aí no diretório do Liceu tinha um jornalzinho. Eu já escrevia sobre esportes. Eu sempre fui muito chegado. Gostava muito de ouvir os jogos de futebol do Campeonato Carioca e fazer tabela, estatística. Naquela ansiedade daquele final de semana. Aí quando chegava o final de semana saíam as tabelas. O *Esporte Ilustrado*, que era a grande revista da época. O *Esporte Ilustrado* aqui do nosso estado (Rio de Janeiro). E lá em São Paulo apareceu a *Gazeta Esportiva*. Eu tinha um amigo que me mandava. Então eu tinha esse tipo de modelo para conferir as minhas tabelinhas. Eu fazia com aquele carinho. Aí comecei a escrever historinhas. Eu tinha um livrinho que saía mensalmente, *Desportos de todo o mundo*, eu tinha vários exemplares. Então saía a história de outros esportes também (informação verbal).

A quarta e última entrevista foi com o radialista Fernando Antônio Petrucci<sup>11</sup>, premiado na década de 1990 pela Associação de Cronistas Esportivos do Rio

11 O radialista Fernando Antônio Petrucci nos concedeu uma entrevista no local em 13 de agosto de 2024.

de Janeiro (Acerj) como o então setorista mais antigo de clube no Brasil, tendo coberto o Americano Futebol Clube, de Campos dos Goytacazes, por mais de 30 anos nas rádios *Continental*, atual *Folha*, *Campos Difusora* e *Cidade*. Adiante, Petrucci, falando como começou sua paixão pelo futebol.

[...] Pelo futebol desde criança, mas a nível de rádio foi no início dos anos 80. Eu fui participar de uma colônia de férias promovida pelo Sesc e, naquela época, você podia escolher duas modalidades, eu escolhi natação e jogo de botão, sempre foi a minha paixão. E quando eu cheguei lá, eu encontrei o Paulo Ourives, o Aloysio Parente e o Dalvan Lima, e eles acharam interessante, porque eu colocava nos meus botões os nomes apenas de ídolos do futebol de Campos, eu não tinha o costume de homenagear nenhum atleta de um dos grandes clubes do Rio de Janeiro, como Roberto Dinamite, Zico, Rivelino, etc. Meus ídolos eram daqui, e me perguntaram se eu gostava de fazer rádio, eu tinha vontade, é claro, eu não podia dizer que eu gostava de fazer, porque eu nunca tinha feito, mas eu tinha vontade. Na época eu tinha 15 anos, então dificilmente alguém daria uma oportunidade a uma criança, foi aí que eu procurei o Barbosa Lemos, e o Barbosa já tinha ouvido alguém falar sobre o fato de eu ter participado dessa colônia de férias e me deu uma chance, eu aproveitei, aí eu já estava com 16 anos e ali tudo começou (informação verbal).

Pergunto se ele narra os jogos de botões e o radialista responde:

[...] Eu tinha mania de entrevistar, eu imitava vozes, aquilo me empolgava demais, eu desde criança já participei de várias competições na época em que as disputas eram na sede da Caixa Econômica Federal em Tribobó, eu disputei várias Copas jogando botão, várias Copas da Independência, Torneio Início, na época tinha o Carlos Lima, da Tupi, que apresentava o *Conversa de Arquibancada*, era paletista, aqui em Campos, no final dos anos 70, início dos anos 80, tinha um grupo seleta, formado por doutor Geraldo Venâncio, pai do médico Geraldo Venâncio, depois veio Elvio Granja, juiz da Vara Criminal, pai do Paulo Granja, e era uma equipe boa, só que o tempo não se renovou para jovens que poderiam se apaixonar pelo esporte, as competições aqui da nossa região também não ganhavam força, não ganhavam espaço, e isso foi acabando, hoje muita gente está se fixando aí na internet, em outras questões que fogem um pouco dessa realidade que a gente vivia na nossa infância, mas isso tudo me fez criar uma proximidade muito grande com o rádio (informação verbal).

Indagado se ouvia futebol no rádio ou ia ao estádio, o radialista reporta.

[...] Eu ia no estádio e ouvia pelo rádio, sempre gostei, sempre fui apaixonado por rádio. Chegou aí no Campeonato Campista. Peguei o final né, eu era garoto, eu estava com o meu pai, que era Americano, Antônio do Patrocínio Correia Neto, ele era pediatra, e no Enea eu assisti ao lado do meu pai e do doutor Nilson Cardoso, não sei se você já ouviu falar, filho do Ary de Oliveira e Sousa, que era médico e trabalhava junto com o meu pai no Sandu de Barcelos. Ele era Goytacaz. Nós ficamos naquela arquibancada em torno ali da Avenida Dom Bosco, mas ali era um grupo neutro, naquela época não havia essa questão de torcida organizada, essas coisas, e nós saímos momentos antes do Americano conquistar o título. Muita gente, foi numa época de verão, nós tínhamos que retornar para a praia, e na hora do gol do Paulo Roberto, na penalidade, nós já ouvimos o gol no carro, no rádio, não vimos ali ao vivo (informação verbal).

Petrucci relembra que esta não foi sua primeira vez em um estádio de futebol.

[...] Eu sempre frequentei o estádio Manoel Constantino Escocar, aqui na Rua 7 (de setembro), que era do Rio Branco, porque a família da minha mãe, Maria Auxiliadora Petrucci, ela é funcionária pública, sempre foi riobranquense, já a família do meu pai sempre foi Americano, então eu sempre gostei, o Campeonato Campista, ele hoje, fazendo uma comparação com o que a gente vê aí, ele tinha muito mais *glamour*, não era um campeonato qualquer, porque Campos era a única cidade (do interior) do país que sediava uma competição profissional, Campos superava o Espírito Santo, Rio Grande do Norte, Belém do Pará, você vê que a projeção de jogadores que saíam daqui para brilharem em grandes clubes do futebol brasileiro era muito grande, na Copa de 58, Amarildo Possesso (62) e Didi, você que é um historiador, Pinheiro em 54, então os jogadores que saíam daqui, os estádios ficavam sempre lotados, a cidade parava, se mobilizava para o clássico Americano e Goytacaz, Goytacaz e Rio Branco, hoje você vê que até os clubes de porte médio hoje você não vê mais, mas quando vinha, não era atração como já foi o campeonato campista, eu sempre gostei muito, eu tinha vontade, se eu pudesse, de reviver toda essa situação (informação verbal).

O radialista fala sobre a saudade do passado, da época em que jogava futebol de botão.

[...] Joguei pelada em jogos estudantis no Liceu, mas dizer primeiro que eu não era também bom de bola. Através dos jogos de botão



que veio a minha paixão pelo futebol, e eu tenho muita saudade, lembrar de figuras como Roberto Aguiar, Ricardo Mansur, a gente viajava muito. Eram colegas que gostavam, o Carlos Eduardo Ferreira Manhães, o Zé Branco, morreu de acidente, tudo botonista, na 15 de novembro aqui, a gente gostava muito, Campos tinha um grupo muito bom, o Edmo, contador da Oriental, o Levi Barroso, que foi massagista do Americano, parece que até hoje está em atividade, era outro que gostava, e tinha também aqueles que gostavam, que não jogavam, mas eram colecionadores. Quem fazia para mim, botava o nome, não sei se você conheceu, era o falecido Juca, que trabalhou muitos anos ali em Jofre Móveis, gostava de correr. Mas eu tinha botão de osso, botão de chifre, botão de coco, botão de capa, e ele que escrevia (informação verbal).

O cronista finaliza a entrevista contextualizando sobre como eram as transmissões de partidas de futebol pelo rádio antigamente.

[...] Antigamente, só para resumir para você, quando os jogos eram às cinco da tarde, os programas começavam no meio-dia e você já tinha que estar na sede onde os jogadores se concentravam. Eu ficava muito no Palace Hotel, Hotel Flávio, Hotel Planície. E quando acabavam os jogos, você tinha o resumo final que era um programa que você atuava fazendo a cobertura dos vestiários. E após os jogos, você levava uma hora, uma hora e meia reportando a repercussão da partida, reportando comentários sobre aquilo que você viu. Existiam temas específicos que o narrador normalmente era quem dirigia e cobrava. Então a gente chegava em casa às vezes oito, oito e meia, nove da noite depois de um jogo que terminava assim, sete horas, dez para as sete (informação verbal).

Nos discursos dos três cronistas de futebol homens está latente a questão da nostalgia pelos tempos pretéritos, apelando para a paixão e a emoção. Por sua vez, a pesquisadora mulher faz uma análise social e linguística do futebol, demonstrando mais racionalidade científica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com um número reconhecidamente ínfimo de entrevistados (4), porém com respostas bastante consistentes. Nas páginas subsequentes, traremos o quádruplo de participantes(16), desta vez em respostas mais superficiais, porém direcionadas ao relevante debate acerca das memórias afetivas sobre a bola na infância, um tema que vamos estudar mais detalhadamente abaixo com as devolutivas de uma sequência didática enquanto metodologia de ensino de linguagem e letramento com objetivos educativos. A sequência didática foi aplicada em sala

de aula em consonância com o GT 08 - Linguagens, letramento e alfabetização do X Congresso Nacional de Educação – CONEDU.

## O SONHO DA BOLA NA INFÂNCIA

Neste íterim, apresentamos abaixo uma sequência didática de linguagem e letramento, caracterizada como pesquisa empírica encoberta, com participantes não identificados, que foi aplicada em outubro de 2024 na disciplina Futebol e Futsal, ministrada pela professora Cláudia Aleixo Alves no curso de Licenciatura em Educação Física do IFFluminense *Campus* Campos Centro. Os alunos e alunas responderam uma questão sobre as lembranças que tinham do brincar de bola na infância. Com metodologia de pesquisa qualitativa, 16 dos 22 estudantes responderam a pesquisa facultativamente a partir da microcrônica “A bola”, escrita por Armando Nogueira e publicada no blog Copa Paulo Francis<sup>12</sup>, conforme pode ser lida na íntegra abaixo.

Eu me lembro de ti, colegial, desencontros. Tu arisca ias para um canto e eu, iludido, acabava no outro. Ainda bem que meu coração jamais se ofendeu com as nossas desavenças, bola querida. Éramos, no fundo, naquelas peladas de quintal, dois aprendizes de ilusão trocando senhas de vida no comecinho da vida. Bola que corre pelos meus sonhos de menino. Da nossa infância eu guardo sempre a alegria sexual de ter te abraçado algumas vezes – poucas –, encerrando no meu peito de goleiro inglório a paz na lua e a luz do sol. Brincar contigo é descobrir a harmonia e o equilíbrio do Universo. Brincar contigo é brincar com Deus, de cuja plenitude nasce a esfera – a inspiração da bola. Bola é magia, bola é movimento, é vida nas mãos de uma criança. Louvado o homem que faz da bola parceira e cúmplice de seu próprio destino. A bola, na minha infância, é uma saudade concisa, que vem rolando comigo de campo em campo pelos caminhos do tempo (grifo nosso). Um dia, antes do derradeiro apito, ela há de morrer – como um gol – no fundo do meu coração (Nogueira, 2010).

Em seguida os depoimentos coletados por meio de questionário impresso escrito.

12 Nogueira, Armando. A bola. **Blog Copa Paulo Francis**. Recife, 29 mar. 2010. Disponível em: <https://copapaulofrancis.blogspot.com/2010/03/bola-texto-de-armando-nogueira.html>. Acesso em 19 out. 2024.

A participante 1 respondeu que: “Na infância sempre gostei de jogar bola e assistir a jogos de futebol independente de divisão. A bola estava presente nas muitas brincadeiras de rua com o chinelo como trave e nas queimadas”. Detalhe que a bola, além do futebol, estava presente no jogo denominado “queimada”. Uma observação interessante também, que será recorrente, é o improviso do ambiente de jogo, em que um chinelo de dedo serve de trave.

A participante 1 discorre ainda sobre a assistência de jogos de futebol, demonstrando uma afeição ao esporte de massas. O participante 2 afirma que:

*[...] Nunca fui de jogar bola, mas tenho uma lembrança que aquece o coração. Junto das crianças da rua, íamos para o final dela, onde nem poderia ser considerado rua mais, nem mesmo “de chão”, não era de terra batida, era de grama, com muitas folhas, cascalhos de tijolo e pedras que retirávamos. Bastava dois pares de chinelos para os gols e vontade de todos em brincar.*

Observe que mais uma vez aparece, como adiantei, a questão do improviso no jogo, com os chinelos sendo utilizados como golzinho. Mesmo que o participante 2 não fosse um praticante frequente do jogo de bola, este tem lembranças da bola na remota infância. A participante 3 revela ter sonhado em ter sido jogadora profissional de futebol, o que reverberou no seu futuro enquanto estudante e futura profissional.

*[...] Quando eu era pequena, o meu sonho era se tornar uma jogadora profissional de futebol. O contato com a bola na infância agregaram na escolha do curso que faço hoje em dia pois, através da faculdade, vi uma chance de, depois de anos, poder ter um contato ou até mesmo participar de alguma atlética para poder jogar futebol novamente.*

A participante 4 traz à tona a questão da influência familiar, porém destaca uma influência maior dos amigos da vizinhança.

*[...] Desde pequena tive contato com bola por conta do meu pai, mas nunca me interessei tanto. Foi somente quando fiz algumas amizades com os vizinhos de onde morava que realmente passei a gostar. Lembro-me de sempre quando podia jogar “pelada” na rua com golzinho de areia feito das marcações com chinelo.*

O participante 5 cita, além do futebol, outros esportes, como vôlei e queimado: “Sempre tive contato com esportes desde a infância, brincávamos de queimado, vôlei, futebol etc”. Esta consideração mostra que, apesar do futebol ser o esporte mais propagandeado do mundo, outros esportes com bola têm as

preferências dos praticantes e permanecem vivos em suas memórias, como o jogo de queimado (ou queimada), que está mais para uma brincadeira de rua do que um esporte.

O participante 6 informa um dado comum a muitos garotos no Brasil e no mundo, o sonho de ser jogador de futebol, uma profissão que ilude pelas possibilidades da fama e do dinheiro. Porém, ficam as lembranças dos jogos de bola na infância, que são rememorados ao longo da vida: “Na infância, como todo garoto sonhei em ser um jogador de futebol, porém a falta de habilidade não me permitiu prosseguir.”

A seguir o participante 7 traz a lume de novo a rua como espaço para brincadeiras com bola: “Lembro de sempre brincar na rua à tarde com as crianças da vizinhança de queimada, futebol, bobinho, três cortes, entre tantas outras brincadeiras. Sempre gostei de jogar e de acompanhar esportes”.

Por sua vez, o participante 8 torna patente a presença dos esportes com bola no cotidiano de cada um: “Os esportes com bolas ou brincadeiras sempre estiveram presentes. Desde o fundamental até o ensino médio, os esportes com bola estavam no meu dia a dia”. O participante 9 transparece seu amor ao futebol, o qual aprecia desde menino: “Sempre tive contato com o futebol, desde pequeno. Cresci pegando bola e foi o esporte que tive mais contato e amor, até virar adulto”.

O participante 10 destaca a passagem de praticante de jogo de bola na rua com os amigos à posição de torcedor, para quem a emoção de assistir a uma partida in loco é incomparável: “Antes eu jogava pelada na rua com os amigos, depois comecei a ver muitos jogos de futebol profissional no campo. É lindo, emoção, ansiedade, capacidade”.

O participante 11 revela um dado comum e recorrente, que é o sonho de ser jogador de futebol: “Eu joguei futebol de base, quase fiz teste no Fluminense em 1995, mas não tive apoio familiar. Joguei na base do Americano, Goyta-Fla e Goytacaz”. O mesmo acontece com o participante 12, que conta: “Jogava em um time, onde fiquei dos 5 aos 15 anos”.

Para outros, como o participante 13, a bola foi além brincadeira, socialização: “A bola sempre foi presente através das brincadeiras e jogos com a bola eu pude aprender a socializar, me divertir, me exercitar e desfrutar o prazer de ganhar, perder e me divertir, formar equipes e trabalhar em grupo.” A participante 14 também cita a questão da integração com outras crianças a partir das brincadeiras com bola.

*[...] Lembranças muito boas, pois com as brincadeiras que eu conseguia me integrar melhor com as crianças da minha idade, já que eu me saía bem, tinha sempre com quem brincar. Sempre fui a menina que ia pra rua jogar bola, desde a infância, até a adolescência e hoje em dia tenho paixão por esportes.*

O participante 15 recorre a um lirismo na hora de contar sua memória relacionada ao jogo de bola: “Em minha infância, aquela hora que o sol ‘abaixava’ (grifo dele) dava lugar ao entusiasmo da hora da pelada. O fim se dava ao anoitecer, quando não se enxergava mais a bola e os mosquitos nos expulsam do campo”.

E, por fim, o participante 16 faz uma alusão a bola como uma extensão do corpo e declara sua paixão ao futebol: “A bola para mim é como se fosse uma roupa que não dá para vestir, a minha vida inteira foi em torno de uma bola, joguei futebol desde quando me entendo por gente e minha paixão é futebol”.

Esta última questão, do corpo em sua relação com a linguagem, no nosso caso a crônica de futebol enquanto gênero textual, está inserido no GT 08 - Linguagens, letramento e alfabetização do X Congresso Nacional de Educação – CONEDU realizado de 19 a 21 de setembro de 2024 com tema “Contrastes, diversidade, inclusão: a educação no próximo decênio”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por fim, alguns dos resultados obtidos com este estudo foram a comprovação de que o amor pelo futebol vem dos jogos de bola na infância por meio de teoria (Neto, 2010) e empirismo com as entrevistas, a destacar com o jornalista e escritor de futebol Pêris Ribeiro, que contou saudosamente ser um peladeiro em criança, e com o radialista Fernando Antônio Petrucci, que revelou nostalgicamente que a paixão pelo futebol veio dos jogos de botão, ademais com as pesquisas com os estudantes de Educação Física, que revelaram sonhos em comum, como o de ser jogador ou jogadora de futebol profissional, ou mesmo que a prática de um esporte com bola, dentre eles principalmente o futebol, marcou suas infâncias.

Recorremos novamente a Maingueneau (2005, p. 27) para realçar a questão do saudosismo recorrente presente nos textos destacados acima: “Quanto à ‘paratopia temporal’ (grifo do autor), ela repousa no anacronismo: meu tempo

não é meu tempo. Vivemos no modo do arcaísmo ou da antecipação: sobrevivendo de uma era revoluta ou cidadão prematuro de um mundo que virá”.

Ainda em consoante com Maingueneau (2006, p. 160): “Não há paratopia que não seja elaborada por meio de uma atividade de criação enunciativa”. Esta paratopia seria o tempo e o espaço de uma narrativa de ficção, por exemplo, uma criação da imaginação do autor e que tem uma verossimilhança, um recurso literário que dá sentido ao texto ficcional em sua relação com o real.

O médico psicanalista brasileiro David Azoubel Neto (2010, p.19) traz um debate relevante acerca da memória afetiva e da emoção infantis relacionadas ao futebol. Para o pesquisador, podem ficar “algumas marcas significativas” dos “escombros infantis”, “alguns restos de sentimentos, de sentido, de paixão mesmo por um clube qualquer, já esboçada desde a infância”.

A psicóloga norte-americana Diane E. Papalia (2013, p. 269) revela que: “As crianças em idade pré-escolar tendem a lembrar melhor das coisas que fizeram do que das coisas que simplesmente viram”. Uma coisa que fizeram as crianças, desde os chutes no ventre da mãe, foi jogar bola na infância, descalças ou de kichute, uma prática comum nas ruas e clubes da “pátria de chuteiras”, assim definida pelo escritor Nelson Rodrigues, um dos cronistas de futebol que melhor transportou para os jornais e livros a emoção de torcedor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esporte da bola no pé (*foot + ball*), com sua maneira lúdica de brincar por meio de diversas formas esféricas, como um coquinho, fará parte da cognição e linguagem das eternas crianças, antigas boleiras, até a fase adulta, meia e terceira idade, quando passam a remeter ao passado com as lembranças saudosas do futebol de outrora.

Este futebol contraditório, de grandes interesses, principalmente econômicos, muitas vezes escusos, mas que não deixa de ser um passatempo, uma diversão e um lazer, além de ser um esporte de massas, consolidado no Brasil como o esporte mais popular, sendo assim em diversos países do mundo, que praticam o pé na bola originário em sua versão oficial com regras da Inglaterra, mas com primórdios no Oriente.

O futebol também é uma linguagem à medida que os jogos, sejam assistidos *in loco* do estádio ou pela televisão em bares ou em casa, são transportados do campo e das telas para os jornais e, posteriormente, para os livros, ganhando

solidez em forma de palavras escritas com a emoção de um torcedor autor, permitindo que o texto se encontre com o leitor em uma função pedagógica de letramento.

## REFERÊNCIAS

- AVALLONE, Roberto. **As Incríveis Histórias do Futebol**. São Paulo: Tipo, 2001.
- BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BORGES, Rogério. **Jornalismo Literário**. Florianópolis: Insular, 2013.
- CASTRO, Ruy. **Os garotos do Brasil: Um passeio pela alma dos craques**. Rio de Janeiro: Foz, 2014.
- CUNHA, José. **O rádio, a TV e o futebol do meu tempo**. Rio de Janeiro: Litteris, 1996.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MOURA, Sérgio Arruda. O lugar das letras: a literatura e a paratopia do autor **Contemporânea**, N. 7, 2006.2
- NOGUEIRA, Armando. **O homem e a bola**. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de. **Futebol - fenômeno linguístico**. Rio de Janeiro-RJ: Documentário, 1974.
- PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre : AMGH, 2013.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **Futebol e Palavra**. São Paulo: José Olympio, 1981.
- RIBEIRO, Péris. **Didi: o Gênio da Folha Seca**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2014.
- RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.